

PARANISMO: E SEU LEGADO SOBRE O DESIGN PARANAENSE

*Caroline Ganzert Afonso*¹

*Marilda Pinheiro Queluz*²

RESUMO: Ideado nas primeiras décadas do século XX, o Paranismo pretendia criar uma imagem para o Estado do Paraná, a fim de incutir na população um sentimento de pertencimento ao local onde residiam. Em meio a muitos discursos, o legado paranista restringiu-se ao símbolo divulgado pelo movimento: o pinheiro, o pinhão e derivados continuaram arraigados no imaginário paranaense como símbolos do Paraná. A partir da década de 1970 alguns artistas, arquitetos e designers paranaenses elaboraram peças de mobiliários urbanos, elementos gráficos e projetos de arquitetura, baseados nas premissas do paranismo. O resultado foram algumas obras originais e outras com forte apelo político e demagógico.

Palavras-chave: Paranismo, design & paranismo, design paranaense.

ABSTRACT: Idealized in the first decades of the XX century, the Paranismo intended to create an image for the State of Paraná in order to infuse in the population a feeling of belonging to the place where they live. In too many ways, the Paranista legacy restricted the symbol divulged for the movement: the pinheiro (a kind of pinetree), the pinhão (a kind of nut) and derivatives continued to link the paranaense's imaginary as symbols of Paraná. From the decade of 1970 some artists, architects and designers paranaenses had elaborated urban furniture parts, graphical elements and projects of architecture, based in the paranismo's. The results were some original workmanships and others with strong political and demagogical appeals.

Keywords: Paranismo, design & paranismo, design paranaense.

¹ Arquiteta e Urbanista pela UFPR, Tecnóloga em Móveis, Técnica em desenho industrial, ambos pelo CEFET-PR, pós-graduada em no curso de Especialização *Lato-sensu* em Fundamentos do Ensino da Arte pela FAP e no curso Especialização em História da Arte pela PUC-PR.

² Graduada em História e Educação Artística pela UFPR. Mestre em História Social pela UFPR. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da UTFPR e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia – PPGTE, e-mail: mqueluz@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este artigo, dentro de suas restrições, procurará interpretar a permanência do pensamento paranista sobre a busca de um *design* próprio do Estado do Paraná, a partir das idéias propagadas pelo movimento no início do século XX. O paranismo surgiu na década de 20 na procura de valores que diferenciasssem o Paraná do resto do País. Depois de frustrantes tentativas iniciais, veio a impulsionar o *design* e arquitetura feitos no Estado, e não somente produções culturais bairristas.

Serão estudadas interferências nos espaços urbanos e os diálogos e interações do *design* com idéias já presentes no movimento paranista, observando releituras deste legado no *design* paranaense.

2. ANTECEDENTES

O Movimento Paranista aconteceu em meio a diversos fatos importantes pelos quais o Paraná estava passando. Primeiramente, pode-se citar a consolidação de Curitiba como nova capital (1854), as seqüelas do Contestado, a emancipação política do Estado (1853) e a Proclamação da República (1889). Depois apareceram elementos que consolidaram a franca modernização e a preocupação com o desenvolvimento cultural do Estado, afirmando a emancipação política do Paraná. Entre as obras que marcaram este período está a criação da Universidade do Paraná (em 1912).

Além destes acontecimentos locais, estavam em voga na época vários questionamentos na América Latina a respeito da cultura que se desenvolvia no continente. Ora acreditava-se numa cultura européia desenvolvida de maneira isolada e a parte de suas origens, ora defendia-se que as diferenças entre as duas culturas deveriam ser reafirmadas (DUDEQUE, 2001, p. 56-57). Numa escala um pouco menor, estas indagações aconteciam no Brasil, e em proporções pontuais a afirmação regional também era perseguida.

Vários artistas e intelectuais da época reuniam-se em Curitiba para discussões em torno de uma identidade paranaense, ligada às origens mais remotas do Estado. Para fundamentar estes argumentos históricos, fez-se necessário uma investigação do passado do Paraná. É nesta época (1900), que acontece a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, tendo como figura principal Romário Martins. Tal instituto, de acordo com Diez (2004, p. 6) foi a base do Movimento Paranista.

Frente a esse contexto histórico, surgiu o Movimento Paranista, cuja principal pretensão era a construção de um imaginário comum a todo povo paranaense. Segundo Pereira (*apud* DIEZ, 2004, p. 5): o movimento “(...) terá como papel central a construção de uma identidade regional para o Estado do Paraná e que contará com a adesão de intelectuais, artistas, literatos, etc”.

3. MOVIMENTO PARANISTA

Pode-se situar o início do movimento nas reuniões nos salões de arte da cidade já nos anos 1920. O termo Paranismo é atribuído a Domingues Nascimento numa viagem pelo norte do Estado. Conforme o artigo “‘Paranismo’, um movimento precursor do pós-modernismo”, (1994), a população daquela região denominou o viajante como *paranista* (aquele do Estado do Paraná), numa analogia ao termo *paulista*. Mais adiante o termo passa a designar “todo aquele que sentisse afeição pelo Estado do Paraná”. E Romário Martins explica (*apud* PEREIRA, 1997, p. 85): “Quem introduziu esse vocábulo entre nós foi Domingos, em 1906, ao regressar de uma viagem ao norte do Estado, onde notara que ninguém os chamava paranaenses e sim paranistas. A palavra nascera ali espontaneamente (...)”.

Partindo de um ímpeto estético, filosófico, existencial, político, social e econômico, Romário Martins adota o termo pela sonoridade da palavra e pelo valor que o termo poderia tomar entre a população tão heterogênea. Mais uma vez cita-se Romário Martins (PEREIRA, 1997, p. 87):

Paranismo é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense. (...) Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cedeu uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro, plantou uma árvore.

Para Diez (2004) o progresso seria decorrência da exploração das peculiaridades do Estado aliado ao “espírito trabalhador, honesto, criativo e inovador” do povo. Traça-se aqui o perfil de um movimento simpático aos ideais modernistas (principalmente a Semana de 22 em São Paulo) que aconteceram na mesma época das primeiras reuniões paranistas. No que se refere às Artes Visuais (*apud* ARAÚJO, 1994 e reafirmado por PROSSER, 2004), “o paranismo pode ser considerado como uma resposta local aos movimentos nativistas como ‘Pau Brasil’ (1924)”.

4. OS SÍMBOLOS QUE INVENTARAM O PARANÁ

A necessidade de criarem-se símbolos que consolidassem esta nova época. Diz Dudeque, 2001, p. 56-57: (...) Esta volúpia pela auto-análise coletiva espalhou-se pelos países da América Ibérica. (...) Os intelectuais brasileiros seguiam a mesma meada, perguntando-se o que era o Brasil, perguntando se havia uma cultura que definisse o país perante o mundo (...). De dúvida em dúvida cabia decifrar *o que era* o Paraná.

Ainda segundo Dudeque (2001, p. 57), os intelectuais do Estado do Paraná lamentavam-se por não possuírem características e culturas próprias que os diferenciasses do resto do país. O autor cita ainda a incipiência de Curitiba, cidade que em meado dos anos 20 não possuía nenhum atrativo aos visitantes.

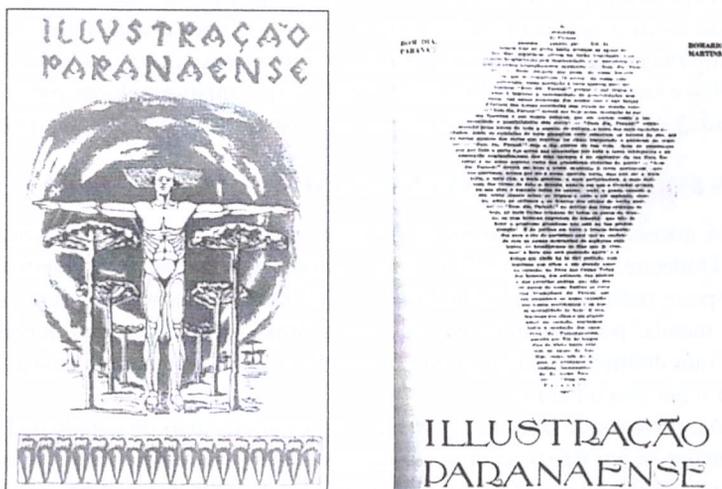
Criaram-se, a partir de então, imagens-ícones, heróis, datas festivas e lendas (recontadas e até inventadas) que ilustrariam o Paraná, um Estado com uma história difusa, sem caráter próprio ou singular. Segundo Pereira, (*apud* FONTOURA, 2003, p. 31): “(...) o Movimento Paranaense terá o sonho de inventar um Paraná, de criar um sentimento de pertencimento a uma terra. (...)”

Romário Martins e outros intelectuais partiram para a construção de um repertório simbólico e histórico paranaense, cuja base centraria-se na cultura indígena (povos que chegaram antes da colonização luso-espanhola) e nas peculiaridades bioclimáticas da região (clima com geadas freqüentes, vegetação característica com as araucárias e a erva mate, e a fauna representada pela gralha azul). Para Dudeque (2001, p. 60) estabeleceu-se que o diferencial do homem paranaense não estaria nele próprio, mas no seu entorno. Ainda segundo este último autor, a criação de símbolos teria sido usado com o próprio sentido etimológico de “elemento que une”, fazendo uso de elementos que transcendam ideais religiosos, por exemplo.

A revista *Ilustração Paranaense* (fig. 1) foi um dos principais instrumentos de divulgação destes ícones que deveriam permear a imaginação dos paranaenses. Para Dudeque (2001, p. 70):

O elemento gráfico criado a partir da estilização do pinhão vingou e se alastrou por Curitiba, utilizado em logotipos variados, painéis, pinturas, faixas de pedestre. E caso se pergunte à imensa maioria dos curitibanos desde quando o pinheiro é símbolo de Curitiba, a resposta mais provável será ‘desde sempre’ ou ‘desde a fundação da cidade’.

FIGURA 1 – ARTES GRÁFICAS DA REVISTA ILLUSTRACÃO PARANAENSE.



FONTE: DUDEQUE, 2001.

Era o início de uma tentativa local de ver a arte com “olhos livres” das influências externas à realidade paranaense. Neste horizonte, surge a inspiração sobre os símbolos tão arraigados na cultura estadual até os dias de hoje. Trabalha-se principalmente com o pinheiro e seus derivados – a pinha e o pinhão – e com outros elementos da paisagem do Paraná, como a erva-mate. Como ilustra Langue de Morretes (*apud* ARAÚJO, 1994):

Em nossa flora existe uma árvore de porte gigantesco, diversa das demais, porque cresce em determinados cânones, tem forma estilizada e é bem brasileira. Pinheiro é o nome que o povo lhe dá; o que os cientistas lhe dão é de *Araucária brasiliana*; os artistas ao contemplá-la dizem com respeito: é o rei da floresta! Inicialmente a sua distribuição era o inteiro sul do Brasil, hoje ficou mais concentrado no Paraná, motivo por que é também cognominado pinheiro do Paraná.

Entre os expoentes desta transformação de elementos naturais em elementos formais da Arte Paranista estão João Turin, Frederico Langue de Morretes e João Guelfi, todos escultores e intelectuais ativos do movimento. Inspiravam-se na “majestade” do pinheiro, estilizando suas formas, inventando regras estéticas de composições artísticas, e criando cada uma a sua maneira a Arte Paranista. Alguns eruditos da época passavam a elaborar produtos que agregassem e concretizassem os símbolos difundidos pelo paranismo. Entre estes intelectuais destaca-se Langue de Morretes, criador de desenhos (estilizados com motivos da flora paranaense) até hoje empregados para a confecção das calçadas, em *petit pavé*, da cidade de Curitiba (fig. 2 e 3). Tudo em nome da concretização de uma cultura local, explorando as raízes e origens do Paraná.

FIGURA 2
CALÇADA COM MOTIVO
DO PINHÃO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 3
CALÇADA COM MOTIVO DO
PINHÃO APLICADA (ATÉ OS DIAS DE
HOJE) EM FRENTE A UM EDIFÍCIO
DA RUA XV DE NOVEMBRO



FONTE: http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/agencia/fotos/rua_xv_30anos/index.html

5. DECADÊNCIA

O movimento perdeu forças nos anos 1930, até extinguir-se com o Estado Novo (1937-45). E dentre os fatores desta decadência pode-se destacar o fato de este ser um movimento imposto como dogma, não dialogando muitas vezes com a própria obra (como no caso da arquitetura – ver aplicação da ornamentação pura e simples no túmulo da família Stenghel, fig. 4 e 5). O que aconteceu foi o uso de simbologismos que justificavam obras figurativas ou apenas decoradas com tais motivos. Outra causa, para Dudeque (2001) seria a “estreiteza de horizontes” dos artistas e intelectuais, que apesar a intenção inovadora, remetiam a formas arcaicas de seus projetos.

FIGURAS 4 e 5 - TÚMULO DA FAMÍLIA STENGHEL



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Além dessas razões, grande parte dos paranistas e suas produções caíram em conteúdos provincianos e discussões supérfluas da sociedade.

Os paranistas estavam dispostos a mostrar ao País que os paranaenses estavam aptos a serem considerados brasileiros com características próprias, assim como cariocas, mineiros e gaúchos. Mas pelas razões citadas anteriormente, o movimento decaiu, restando apenas o espírito do “símbolo, aquele que une”.

6. LEGADO PARANISTA

O grande legado paranista foi o incentivo para uma produção não apenas regionalista, mas por figuras verdadeiramente ligadas ao que estava ocorrendo no Estado. Nota-se que, juntamente com este incentivo, restou também o símbolo do pinheiro (*Araucária angustifolia*) e seus derivados como logotipo do Estado.

Apesar do movimento paranista ter se encerrado, até os dias de hoje, o imaginário, o “símbolo que une” é utilizado para caracterização das “coisas vindas do Paraná”. A própria mídia faz uso destes símbolos para chamar atenção da população ou mesmo para enfatizar as origens paranaenses, como mostram as imagens a seguir (fig. 6 a 10).

FIGURA 6, 7 e 8

A EMPRESA ALTEROU SUA LOGOMARCA PARA UMA FIGURA DO PINHEIRO E O DETALHE DA FRASE DOBLE A LOGOMARCA: “100% PARANAENSE”



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURAS 9 e 10

PANFLETOS DE PUBLICIDADE DE EMPRESAS QUE PRETENDEM ESTABELECEER LIGAÇÕES COM A POPULAÇÃO LOCAL A PARTIR DE SÍMBOLOS COMO A ARAUCÁRIA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

Outra forma de utilização destes símbolos é a propaganda de caráter político, mostrando a vinculação dos governantes com os interesses do Estado. São logomarcas (fig. 11, 12 e 14), adereços, detalhes aplicados sobre a paisagem urbana (fig. 13), que remetem às idéias paranistas.

FIGURAS 11 e 12
LOGOMARCA DA PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS,
REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 13
DESENHO DO PINHÃO DE FORMA
ESTILIZADA NO PISO DOS
CRUZAMENTOS DA CIDADE
DE CURITIBA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 14
LOGOMARCA DA EDITORA DA
ASSEMBÉLIA LEGISLATIVA DO
PARANÁ, FIGURAS DO PINHÃO,
GRALHA AZUL E PINHEIRO



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

7. PARANISTAS E AS ORIGENS DO DESIGN PARANAENSE

Além desta relação com a publicidade e propaganda, destacam-se a relação do design paranaense com o paranismo. Alguns participantes do movimento paranista, tornaram-se professores de artes em faculdades estaduais, que muito contribuíram para a formação dos primeiros designers (no sentido moderno do termo) paranaenses, a partir dos anos 1960. Como afirma Fontoura (2003, p. 27):

Os paranistas desenharam esquadrias, portas, frisos, ornamentos diversos, impressos, revistas e móveis, entre outros. Na época, tais atividades ainda eram chamadas Artes Aplicadas. Alguns deles se tornaram professores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), instituição que muito contribuiu para a formação dos primeiros designers paranaenses.

Portanto, o design do Estado apresenta, principalmente na figura de seus primeiros profissionais de destaque, influências do espírito paranista. Entre estes designers de renome estão Abraão Assad – responsável pelo primeiro projeto de mobiliário urbano da cidade; Manoel Coelho – autor do primeiro projeto de sinalização da cidade de Curitiba; Zeno Otto, Ivens Fontoura, José Sanchotene e Jorge Menezes.

Nas imagens a seguir, estão alguns exemplos de mobiliário urbano inspirados no legado paranista. São luminárias (fig. 15 e 16) e abrigos (fig. 17 e 18) projetados conforme a estrutura delgada do tronco e galhos do pinheiro do Paraná.

FOTO 15

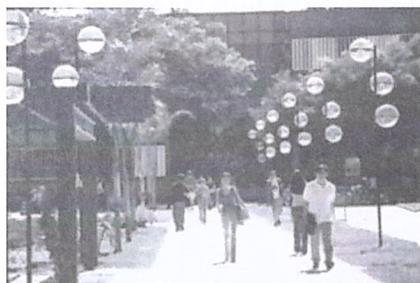
ANTIGAS LUMINÁRIAS
INSPIRADAS NA ESTRUTURA E NA
COPA DOS PINHEIROS



FONTE: http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/agencia/fotos/rua_xv_30anos/index.html

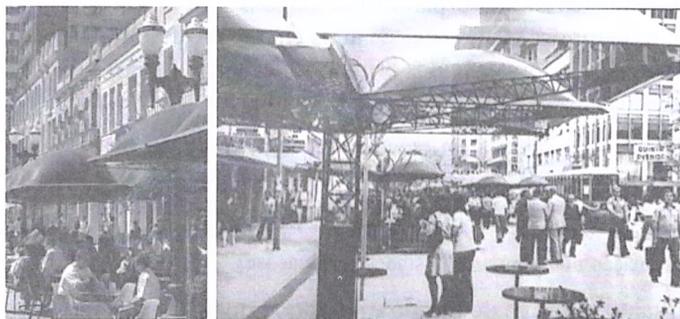
FOTO 16

LUMINÁRIAS INSPIRADAS NA
ESTRUTURA E NA COPA DOS
PINHEIROS AINDA UTILIZADAS
PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PARANÁ



FONTE: <http://www.puc.br>

FOTOS 17 e 18
ANTIGOS ABRIGOS DE ÔNIBUS DA CIDADE DE CURITIBA COM
INSPIRAÇÃO NO PINHEIRO



FONTE: http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/agencia/fotos/rua_xv_30anos/index.html

Em alguns projetos destes profissionais encontram-se elementos do legado paranista, principalmente nos exemplos de mobiliário urbano e de produção gráfica (não apenas da cidade de Curitiba, mas de várias outros municípios do Estado, como foi mencionado no item anterior).

Entre outros designers da primeira geração do Estado, que sofreram influências do paranismo, destaca-se a obra de Manoel Coelho, onde pode-se encontrar inspirações no pinheiro. Em um de seus projetos, datado do final de 2002, o autor e sua equipe desenvolveram uma linha de mobiliário urbano com discretas referências à araucária. Conforme Grunow (2003, p.88) (...) conceituou toda a família de 22 tipos de peças a partir do perfil arredondado e oblíquo do pinheiro, (...).

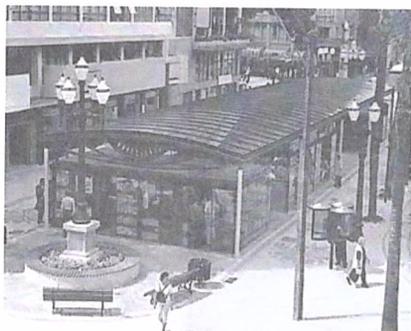
Seguem algumas figuras ilustrativas do projeto de mobiliário urbano elaborado pela equipe de Manoel Coelho. São pontos de táxi (fig. 19 e 20), vários equipamentos urbanos (fig. 21 e 22), totem relógio / termômetro (fig. 23), baseados numa estilização da estrutura do pinheiro do Paraná.

FIGURAS 19 e 20
PONTOS DE TÁXI E ÔNIBUS INSPIRADOS NO PINHEIRO



FONTE: http://www.mcaelho.com.br/port_curi_gale.html

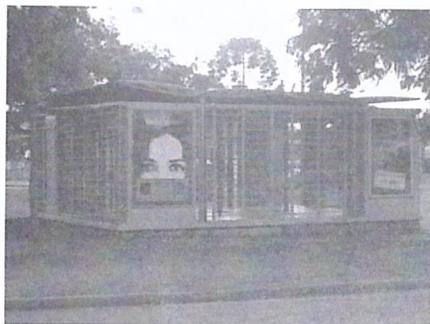
FIGURAS 21 e 22
ESTRUTURAS DE EQUIPAMENTOS URBANOS INSPIRADOS
NO PINHEIRO



FONTE: http://www.mca Coelho.com.br/port_curi_gale.html

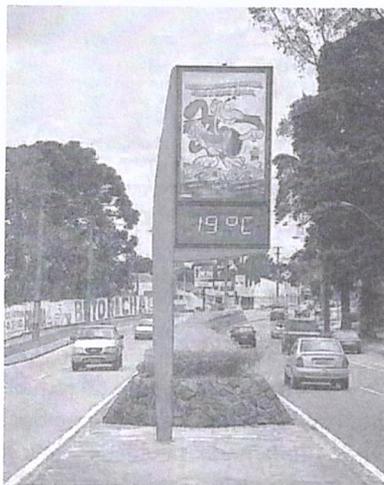


FIGURA 23
APLICAÇÃO DA ESTRUTURA NO
PINHEIRO PARA A COBERTURA DES-
TE BICICLETÁRIO DA
CIDADE DE CURITIBA



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

FIGURA 24
TOTEM-RELÓGIO/ TERMÔMETRO,
TAMBÉM COM INSPIRAÇÕES NA
ESTRUTURA DO PINHEIRO



FONTE: http://www.mca Coelho.com.br/port_curi_gale.html

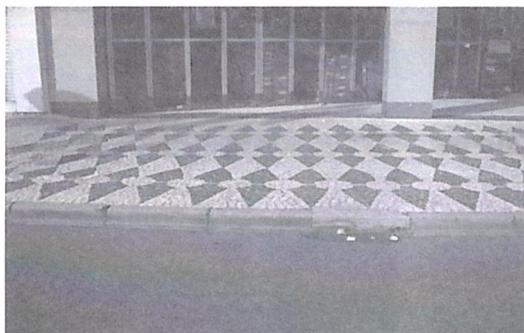
Além destes exemplos, são freqüentes as aplicações dos motivos paranistas em calçadas, principalmente da capital paranaense. Estes desenhos podem (como na fig. 25) ou não (fig. 26) seguir o projeto original do paranista Langue de Morretes, mas todos mantêm a menção aos símbolos propostos pelo movimento da década de 1920.

FIGURA 25
AINDA PRESENTE APLICAÇÃO DOS DESENHOS PARA CALÇADAS
ELABORADAS POR LANGUE DE MORRETES



FONTE: <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc>

FIGURAS 26 e 27
OUTROS EXEMPLOS DE VARIAÇÕES DOS DESENHOS DE CALÇADAS
BASEADOS NOS ORIGINAIS DE LANGUE DE MORRETES



FONTE: ARQUIVO PESSOAL

A justificativa para tal atitude de inspiração nas araucárias, estaria na melhor aceitação, por parte da população, deste novo mobiliário urbano que estaria sendo implantado na cidade. Uma forma de vinculação dos símbolos do Paraná com o mobiliário a ser implantado e com a comunidade local.

8. CONCLUSÃO

Hoje divulga-se que o pinheiro é o símbolo do Paraná, mas poucos conhecem ou reconhecem o Paranismo. Poderia ser mais uma consequência da história autofágica que os paranaenses e os brasileiros em geral tem de sua terra, esquecendo-se das origens de muitos elementos de sua cultura e de muitos fatos de seu passado.

A grande importância do movimento está justamente na iniciativa em se pensar uma expressão condizente com a realidade local, seja ela ilustrada pelas mais diversas formas de arte, pelo modo de vida de seu povo, pelos costumes. O fato é que o movimento paranista deixou um legado até hoje presente no imaginário popular no Estado do Paraná. É muito comum se fazer referências aos produtos da “terrinha” vinculando-se imagens do pinheiro, do pinhão e até da gralha azul (ave disseminadora das sementes da araucária). Certamente repousa aí a grande consequência do Paranismo sobre a população paranaense.

Sem questionamentos artísticos e arquitetônicos dos projetos elaborados pelos integrantes do movimento na década de 1920, e muito menos a qualidade dos produtos atualmente inspirados no legado paranista, o que se afirma é o visível sucesso do ideário proposto pelos intelectuais do grupo de Romário Martins. O pinheiro ainda é fortemente utilizado como “símbolo, aquele que une” entre os paranaenses.

A permanência e a existência de tantos elementos (estilizados ou não) no cotidiano da cidade de Curitiba e do Estado do Paraná demonstram não somente o sucesso do movimento paranista, mas a identificação e adesão que pessoas comuns, eruditos, usuários, leitores, que historicamente e culturalmente se vêem nestas imagens.

Foram símbolos e tradições inventadas pelos paranistas e que encontram na população paranaense um solo fértil para significarem e resignificarem o ideário do movimento. Tornaram-se tão intrínsecos ao imaginário popular, de pertencimento ou relacionamento com as coisas do Paraná, que hoje permitem o uso destes símbolos como formas de ligação com os produtos, da cultura erudita e vernácula, do Estado.

O objetivo deste artigo foi apresentar a relação entre o Paranismo e a produção de design paranaense. E após o que foi demonstrado, observa-se que muitos produtos projetados por designers paranaenses foram baseados nas premissas do Paranismo. O resultado foram algumas obras originais e outras com forte apelo político e demagógico, que incorporaram o espírito do movimento dos anos 1920, conforme o que se pretendeu analisar neste artigo.

Considera-se que os resultados obtidos foram satisfatórios, apesar das dificuldades encontradas com relação às fontes bibliográficas. Mas como este é um dos fatos mais corriqueiro entre os pesquisadores, trata-se apenas de mais um dos desafios para se defender às idéias a que o artigo se propôs.

REFERÊNCIAS

_____. *Casa João Turin*. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br/turin/index.html>>. Acessado em 16/set./2004.

_____. *Manoel Coelho arquitetura e design*. Disponível em: <<http://www.mcacoelho.com.br/index2.html>> Acessado em 01/mar./2006.

_____. *Rua XV de Novembro 30 anos*. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/agencia/fotos/rua_xv_30anos/index.html> Acessado em 01/mar./2006.

ARAÚJO, Adalce. “Paranismo”, um movimento precursor do pós-modernismo. Curitiba: Gazeta do Povo, 30/10/1994.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Balduino. *Catedrais de cultura e de arame em Curitiba: mito e metáfora*. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/0229T.pdf>> Acessado em 04/set/2004.

DUDEQUE, Irã Taborda. *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

FONTOURA, Ivens. Design antes do design. *ABC design*. Curitiba: Optagraf, edição n°6, jun/03, p. 22-29.

FONTOURA, Zenir José. Luar do Sertão. *Curitiba, 2003*. Monografia (Especialização em Fundamentos do Ensino da Arte) - Faculdades de Artes do Paraná.

GRUNOW, Evelise. Simplicidade construtiva e alusão ao pinheiro viabilizam linguagem local. *Projeto Design*. São Paulo: Arco editorial, edição n°283, set.03, p. 88-90.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. *O Paranismo inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

PROJETO “REVIVENDO O PARANISMO”. *Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e Casa João Turin*. Curitiba: s.d.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. *Cem anos de sociedade, arte e educação em Curitiba: 1853-1953*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.